

Clube dos Garabombos (nos jardins)¹

Ricardo Prestes Pazello²

Para o amigo A.-L. T. C.

Numa cidade cinza e chuvosa, ciciosa e sibilante, entregam-se a encontros inusitados – para dizer o menos – os *garabombos*, um espécime humanóide amplamente documentado pelos arquivistas dos arredores, até dos mais longínquos lugares, mas que muito pouco espanto causam aos moradores citadinos, pelo simples fato de não poderem ser vistos.

Tão irônica é sua presença que se soubessem, os citadinos, que as sibilanças que acometem os tímpanos de todos é decorrência de sua presença, certamente ou os esganariam de vez ou os premiariam com todos os mais dignos troféus que aquela sociedade poder-lhes-ia oferecer. Dizem as malditas bocas que tais prêmios teriam a ver com punhados de barro, mistura de água, pó e terra, além de outros nutrientes, que aqueles humanóides há tempos não conhecem, inda mais cercados e calculados como se fossem bacias gigantes.

Mesmo que isto esteja presente, já que a cidade é ciciosa e sibilante, além de cinza e chuvosa, nunca se repara nos garabombos. E aí eis algo espantoso: só por que são invisíveis os moradores não podem neles pousar sua atenção? Algo, realmente, pouco compreensível.

1 O presente texto integra uma heptalogia de contos, série por mim intitulada “Sete histórias de uma casa verde”.

2 Professor universitário, pesquisador da área de direito e movimentos sociais, poeta e músico amador.

Para tornar-me claro, deveria eu explicar o que é uma *cidade*. Mas por falta de tempo, espaço e capacidade para tais abstrações, vou esquivar-me de tal preito. Talvez, no futuro, encontremos compêndios escritos e escondidos por sacerdotes, sábios da metafísica, os únicos aptos a esboçar alguma explicação sobre estes reinos chamados *cidade*.

Basta dizer, para me fazer entender, que nesta cidade – imagine-se um *lugar* qualquer! – o clima é cinza e chuvoso e, não fosse isto suficiente, do chão e das paredes, dos céus e dos rios, exala um som contínuo e incontornável, que nem os mais apurados ouvidos musicais são capazes de reproduzir, mas que, ao mesmo tempo, nem os mais surdos dos aparelhos auditivos estão prontos para não notar. Todos, inapelavelmente todos, percebem, captam e internalizam o cicio que brota do quotidiano daquele agrupamento humano, cicio que chega ao ponto de sibilar logaritmicamente, aparecendo em novas tonalidades a cada par de instante, o que chega a dar a impressão de que há uma progressão geométrica a lhe reger a aparição. Obviamente que ainda está por vir o geômetra competente para calcular esta esfinge, mas como na cidade todos têm esperança, resta-me crer com eles.

O que mais horroriza, porém, é que conforme o dia passa, o cicio e a sibilação são tão presentes – já que a progressão geométrica é positiva – que todos os cidadãos se esquecem de tais sons e, com isto, olvidam também que pela manhã a variação era mais espaçada. Talvez, calculo eu, seja justamente isto o que não permite que todos se dêem conta da existência dos garabombos, motivo pelo qual iniciei estas notas.

Pois sim: os garabombos são invisíveis. E muito me espanta não serem notados só por isto. Impetuosos, porém, os garabombos não se subjugam à estática, ao estado do não movimento da física, algo tão valorizado pelos moradores da cidade. Singram pelos ares, rumorejando, é claro!, e basculam sobre si mesmos ou sobre um grupo formado pelos seus até o ponto de se excitarem tanto com sua atividade que acabam por entrar em um frenesi inalcançável. Verdadeiramente, a energia daquele universo se concentra tanto neste conjunto de atos frenéticos que, ao longo do dia, a luz que ilumina a todos – garabom-

bos e cidadãos – se dissipa e acaba por faltar. A este fenômeno os moradores da cidade chamam de *reprodução das condições vitais para a continuidade da venda da força de trabalho*; já os garabombos preferem nominá-lo como *noite* mesmo, o que parece mais útil.

À noite, portanto, enquanto dormem os cidadãos, os garabombos tratam de arrumar e preparar aquilo que para eles é o grande motivo de seu frenesi sibilino: a boemia. O dia se passa no exato compasso da felicidade pelo fato de que a noite chegará. E com ela vêm todos os garabombos, em reunião.

Em conversa informal com um destes humanóides, pude constatar que em tempos primevos um único local concentrava a todos os garabombos. No entanto, a multiplicação desses seres implicou que houvesse equivalente proliferação de casas de reunião, como eles as chamam. Na verdade, antes havia apenas uma casa, a qual precisou ser demolida e decomposta em vários pedaços, para que pudessem os garabombos concentrar-se à noite em espaços os mais diversos dentro daquela cidade. Pode-se dizer que, segundo relatos dos próprios garabombos ou de moradores assimilados por eles – o que era raro, diga-se de passagem –, aquela realidade também se dava em outros confins, como eles gostavam de se referir às demais cidades.

Sendo assim, por haver uma única casa, ela logo se tornou um mito fundador daquela espécie humanóide. Como preferiam os bosques às ruas, dualidade sempre presente naquelas cidades, com larga vantagem para as ruas, as quais refletiam o cinza do clima e a umidade das chuvas, os garabombos se acostumaram a chamar aquela casa mítica de A Casa Verde. No entanto, pouco se sabe, de fato, sobre ela. Há quem diga que era casa de um médio proprietário de vastos campos que circunvizinhavam a cidade, assim como há quem diga que se tratava de uma loja de produtos exotéricos, gerenciada por uma cidadã, que morava ao lado de um cemitério. O que resta de todas estas especulações, porém, é que a originária Casa Verde não mais existe, tendo se transubstanciado em várias casas menores.

Uma delas eu pude conhecer bem. E é daí que vem meu interesse em descrever ao mundo um pouco da existência destes seres, os ga-

rabombos. Destaco, por ora, a incrível capacidade que tinham de se reunir – e tudo, evidentemente, sem serem percebidos.

E dentro desta habilidade associativa, sublinho a formação de um grupo que, pelo que soube, era dos mais impetuosos dentre os humanóides garabombos. Tanto era assim que, em sua invisibilidade, tornavam-se ocultos até aos demais garabombos e, por um longo período de suas vidas, até foram invisíveis para si mesmos! Graças ao acaso e a minha percepção mediúnica, pude eu, um pobre viajante curioso, conhecê-los e documentá-los, ainda que esteja longe de ser um efetivo arquivista, profissão séria e dispendiosa, ainda que lucrativa. Posso dizer que do ofício só herdei os dispêndios e nada dos estipêndios...

É dessa forma que trago à lume o “Clube dos Garabombos”, habitantes de uma das muitas casas-verdes da cidade, que, por cerca de vinte seis ou vinte oito anos – não se pode precisar –, permaneceram invisíveis para eles mesmos. E só recentemente começavam a se tornar perceptíveis aos demais garabombos. Impossível não sê-los, inclusive, já que a epifania de suas sibilacões levavam à loucura qualquer sensitivo que deles se aproximasse – ainda que não os visse, o que, como já disse, é fato irrelevante.

No clube, muita atenção se dava – e continua se dando – à importância histórica da Casa Verde. Aprenderam, há tempos, que podiam sonhar acordados e dormidos – e isto aprenderam com outros garabombos que, apesar de ciciarem outra língua e vestirem poucos adornos, eram seus irmãos na invisibilidade e na aguerreação (sobre estes “irmãos garabombos”, como diziam, pude registrar pouca coisa, a não ser que ostentavam os dorsos nus e emperiquitavam-se com gravatilhas de cipó amarradas com penas de aves em suas extremidades). Desta lição, tiraram o mais importante de suas práticas: os mais importantes rituais – na verdade, rituais para mim, já que para eles eram cousas mui diversas, sem similar em meu cabedal léxico, mas, quiçá, próximo à felicidade do banho ou ao alívio da defecação, para não fazer comparações libidinais – deveriam se realizar no espaço verde que todas as casas-verdes traziam. Tratava-se dos jardins egrégios da casa, geralmente, segundo me disseram, com uma pequena porção encontrável à frente e um grande terreiro verificável atrás.

Tomo o cuidado, porém, de dizer que tais pátios e varandas esverdejantes nada tinham a ver com os prêmios valorizados pelos cidadãos, uma vez que os garabombos não deixavam nenhum de seus pertences básicos ali e não cogitavam em se adonar daquele quadrante, já que pretendiam, sempre, ir aos demais ambientes da casa, cada um deles reservando prélios e gozos tão distintos, que vale a pena considerá-los mais atentamente em momentos oportunos, que não este dedicado à caracterização do “Clube dos Garabombos”.

Enfim, o referido clube só se fazia real quando nos jardins egrégios os garabombos se reuniam e, tal como banhistas, defecadores ou amantes, arrebatavam-se uns aos outros com a ferina astúcia de suas sibilções ou a infensa sobriedade de seus cicios. Ficava retratado, portanto, um balangandã de sons, em que pequenos silvos se viam seguir por estrondosos trinados – e mais uma vez não seria de todo inconveniente perguntar sobre o que pensavam os cidadãos disso: ao reproduzirem sua força de trabalho, o que pela sua sinonímia chamava-se sonolência fatal, esqueciam-se do “som dos ventos”, como também soíam dizer, e dormiam instaurando uma pasmaceira que horripilaria qualquer nobre estudioso do corpo humano.

Aos silvos e trinados se designava de *músicas* ou *declamações*, a depender da tipologia que não é muito comum atualmente. Geralmente se balbuciava compenetradamente sons ritmicamente harmonizados ou se vociferava rapidamente crateras de ar até que mesmo os caga-fogos dos jardins se espatifavam no chão, ainda que, segundos depois, recobrassem sua condição de insetos voadores. E se fazia muita questão da presença destes caga-lumes, já que eram a única alternativa luminosa para a noite boêmia...

A noite, então, adentrava os baixios dos fulgores das trevas reinantes e a cantoria, como diríamos nós, comia solta. E assim era até que os garabombos começavam a cansar e seus pinhos passavam a rouquejar. Aliás, é da imanente percepção desta rouquejidão que alguns daqueles humanóides inventaram o estilo musical roquenrol, de ritmo infame e depressivo apesar de acelerado, mas que muita fama grassa entre nós, ainda que não tanta entre eles. Conhecer o fim da madrugada entre os garabombos possibilitou-me compreender as origens

históricas desta expressão cultural que tanto nos envolve mas que tão desgraçadamente nos afasta de outras fenomenalidades plausíveis.

Quando absolutamente exaustos – e esta exaustão era diária – tornava-se possível o alvorecer. A energia voltava a se espalhar por toda a cidade e os moradores passavam a acordar para negociar, livremente por sinal, sua força de trabalho. Os garabombos se entristeciam e tentavam resistir, mas poucos deles tinham a intenção de sonhar dormindo, já que sonhar acordado, nos jardins egrégios, era o que lhes imprimia maior prazer. Por isso, a cidade era cinza. E era cíclica, porque os roucos garabombos dividiam seu tempo tentando continuar os quefazeres de seus clubes ou resignando-se e ensaiando roquenoíros individualíssimos. No que se refere às sibilações, já nos pronunciávamos a respeito: à medida que readquiriam a capacidade vocálica, e isto acontecia matematicamente, em progressões geométricas definidas por uma razão logarítmica desconhecida, os assovios aumentavam, o esquecimento dos moradores, quanto aos aspectos sonoros de seu ambiente, também, até que a inflamação contaminasse todo o universo e impusesse à cidade o governo da boemia, ritual dos garabombos em delírio, ainda que fosse um delírio quase angelical, mesmo porque nos jardins egrégios não explicitavam-se as diferenças de sexo, tais quais as conhecemos. Apenas em outros ambientes da casa os olhares se sexualizavam.

No mais, restaria por relatar a chuvisqueiridade. Mas isto exigiria de mim conhecimentos mastodonticamente meteorológicos e aerofotogramétricos, os quais, é de se prever, não possuo. É o bastante dizer que os garabombos nada tinham a ver com a chuva, pois também não poderiam ser responsáveis por tudo!